

# PONTE DE LIMA

## Vila histórica, vila bela do Alto Minho

---

por Matias de Barros

---

Se os rios falassem, transmitir-nos-ia o Rio Lima, a cada instante, magníficas lições de tranquilizante acalmia espiritual.

Virados para a fiada harmoniosa e branca das casas-lar da vila de Ponte de Lima, apetece sentarmo-nos num banco de granito que se situa à ilharga da ermida romano-gótica do Anjo da Guarda, no começo da ponte romano-medieval que lhe dá acesso.

Rodeia-nos o relvado simples que tem por guardião a igreja de Santo António, a sul, e o artístico cruzeiro do mesmo nome, lá ao fundo, a norte.

Diante dos nossos olhos, distende-se o rio velho-novo, álbum de poetas, linfa grandiosa e bela cujas águas transparentes e sossegadas afagam os arcos ogivais da histórica ponte limiana, enquanto vão mostrando leitos de areia e de aquáticos limos, em ajardinada simbiose ribeirinha.

No areal, introduzindo os braços de mulheres-mães na liquidez não profunda do rio milenário, mulheres limianas lavam, canseirosas, a roupa de vestir, em usual bate-que-bate na pedra-lavadoiro.

Vêm-se tractores-escavadoras recolhendo areia que em golfadas depositam nos camiões de caixa-aberta. É areia para obras — residências novas que vão glorificar caminhos rústicos de perto e de longe. Nas proximidades do local onde se extrai a areia, fica a Alameda de S. João, em cujo logradouro-avenida, bordejado de árvores, trotam garanos baios na festa das Feiras Novas.

Nos relógios redondos, pontuados de algarismos romanos, que sobressaem no alto da torre da Igreja Matriz, são 15 horas e 20 minutos.

Alimenta-se de sol morno e formoso a tarde prenunciadora da primavera. Rolam automóveis na esteira estreita da ponte velha. Há roupas a secar em algumas varandas-soalheiras das casas-de-viver. Erguem-se antenas de televisão nos telhados das mesmas. Destacam-se desenhos verdes, de árvores antigas, nos espaços livres do burgo. Caminham casais — jovens e não jovens — nas artérias planas. Eleva-se, por detrás, agigantando-se de nascente, o monte panorâmico da Madalena. Ensinam-nos fastos do passado as torres e os solares que nasceram guardados por muralhas defensivas. Inscreve-se, em recortes de espá-

tula, dando para a estrada da Barca, o Bairro das Pereiras, sector antigo, da vila antiga, leito-lar de homens ilustres que a morte silenciou mas que o presente recorda.

Para sul, vai desembocar em moderno cruzamento, dando acesso ao trânsito, a ponte da Senhora da Guia — a ponte nova da vila.

Nem só os poetas terão chamado a Ponte de Lima a «mais linda terra portuguesa». Por tal a terá, ou, pelo menos, no cômputo das mais belas terras portuguesas a colocará decerto, quem, ainda hoje, a vier apreciar de perto, descansando o cérebro e os olhos na sua textura histórica, paisagística e humana.

Aqui nasceram guerreiros, escritores e poetas, diplomatas, construtores e artistas que dinamizaram intelectualmente e patrimonialmente a região da Ribeira Lima.

Frei Agostinho da Cruz, Cardeal Saraiva, Lançarote Pereira, João Álvares Fagundes, João Lopes «O Velho», Beato Francisco Pacheco, António Feijó, Almirante Tito de Morais, António Pereira Rego, General Norton de Matos, Coronel Inácio Perestrelo, Dr. António Ferreira, Dr. Teófilo Carneiro, Dr. António de Magalhães Barros de Araújo Queiroz (Visconde de Cortegaça), advogado Dr. João Malheiro, António de Araújo Mimoso, Dr. Adelino Sampaio, Miguel Roque dos Reis Lemos, Júlio de Lemos, Domingos Tarrozo, Severino de Faria, Conde de Aurora, Actor Tarquínio Vieira, António Amorim, António de Magalhães, João Francisco Rodrigues de Morais, António de Araújo de Azevedo (Conde da Barca), Dr. Luís da Cunha Nogueira, Dr. Amândio Lisboa, António Augusto Vieira Lisboa, Tomaz da Silva Campos, João Gomes de Abreu e Lima, Francisco de Magalhães, Salvato Feijó, Padre Araújo Calheiros, Dr. António Correia Caldeira, Padre Celestino Vale, Conde de Bertandos, Padre José Maria Fiúza, Rodrigo de Abreu, Coronel Belchior, Joaquim Manuel de Lima, Mendes Carneiro, e tantos, tantos mais, que nos precederam no tempo...

Todos se foram, do plantel turbulento mas admirável desta vida! Homens bairristas, amantes da sua Terra, há-os, ainda hoje, havê-los-á amanhã, em Ponte de Lima. Quando os filhos se orgulham de sua mãe, jamais dela se apartam.

Da actual Praça de Camões — logradouro nobre onde a multidão mais se comprime na tarde anterior ao dia de «Corpus Christi», quando a «vaca-das-cordas», usança medieval, faz ali entrada — pode admirar-se o elegante fontenário-chafariz do século XVII, a quem a actual pavimentação da Praça não conseguiu destruir o aspecto.

O nosso olhar observa, agora, sem esforço, antes com agrado, a montanha cónica que tem por nome Santo Ovívio, local contemplativo, panorâmico, cuja capela alveja, branca, pequenina, repleta de simbolismo, no término montesino.

Mais abaixo é a Serra d'Arga, mais acima as Pedras Finas. No dorso, povoado, quase horizontal, «mora», tradicionalista, ponteli-miana, antiga, a freguesia de Santa Marinha de Arcozelo.

Mais abaixo é a Serra d'Arga. Ei-la, ei-la, mais virada ao mar, mais



Ponte de Lima: Praça Camões, centro principal da vila

(Foto de Gualberto Galvão)

montanha, inscrevendo-se no horizonte como baluarte-força-da-natureza-mistério.

Como um brinquedo colocado em «puzzle» no seu dorso gigante, divisa-se, maneirinha e devotamente querida, a ermida da Senhora do Minho; na lombada-descida, ergue-se a Capela de Santa Justa, no monte do mesmo nome.

Para nascente, do outro lado da vila, a 3 km. dela, ergue-se, também, em pérgolas de beleza, a estância-miradoiro de Santa Maria Madalena. Recordaremos o nome duma figura admirável que muito contribuiu para a sua valorização: Dr. Adelino Sampaio.

Aludindo à estância da Madalena, escreveu um dia António de Amorim: «admirar-se do seu cimo um panorama soberbo e opulento de contrastes e de cambiantes», «abarcando extensas veigas tamisadas de messes verdejantes e copiosas, ondulando ao perpassar suavíssimo da brisa: colinas arroxeadas, harmoniosas e eurítmicas como seios túmidos, salpicadas de casitas brancas, de ermidinhas alvas e de admiráveis paços solarengos. Ao longe, para ocidente, está o mar, o oceano inabarcável e imenso — um poente glauco, uma floresta de esmeraldas que o sol, na agonia do ocaso, encharca e tinge de cor sanguinha, metamorfoseando-a em deslumbrante e fantasmagórica floresta de coral: uma apoteose escarlate em um proscénio de encantamento.»

Até há coisa de cinquenta anos, quando não chovia durante prolongado tempo, ia a população da vila em romagem, monte acima, rogar à Virgem da Madalena a graça da chuva criadora.

A frente do «clamor», uma mulher devota, de nome Laura Râtaze rezava as orações. Atrás, seguiam os romeiros, sobraçando às costas (ou à cabeça) nacos de pedra.

Esclarecem as pessoas desse tempo, ainda vivas, ser condição essencial que as referidas pedras se apresentassem bem secas... de modo que a chuva a conceder pela Senhora da Madalena de pronto as molhasse — e de forma que se visse.

Outros romeiros empunhavam copos de papel, com velas de cera devidamente acesas.

Disse-nos Rosa Malheiro de Faria — que há mais de 50 anos morava junto da torre manuelina onde esteve instalada a cadeia da vila — ser assim o texto das quadras-versos que naquele «clamor» se cantavam:

Santa Maria Madalena  
Lá donde estais  
Por trás da Capela  
Pedi ao Senhor  
Que chova na Terra!

Ó Senhor, ouvi a nós!  
Santa Maria  
Rogai a Deus por nós  
Para que a chuvinha  
Caia sobre nós.

Ó Senhor da Misericórdia  
Dai-nos pão, concórdia.

Em refrão, recitavam: «Orai por nobis, Orai por nobis/Venha a chuvinha por cima de nós.»

Como descrever a vila de Ponte de Lima legada pelo passado? Como poderemos mencionar de pronto todas as realizações que tem em perspectiva? E a sua feira-grande quinzenal?

A ponte nova sobre o Lima, inaugurada em 15 de Agosto de 1980, inclui uma ampla rede de acessos e de planificações urbanísticas que valoriza a dimensão territorial da vila, tendo em conta a centralização escolar, comercial e urbanística que ali se torna possível.

Como descrever a vila de Ponte de Lima legada pelo passado, íamos a dizer. Disso nos esclarece, acessivelmente, a publicação «Minho Turístico», editada por C. de Azevedo:

«...Situa-se na margem esquerda do Rio Lima e representa uma das mais graciosas vilas de Portugal. Nos fins da Idade Média era uma pequena cidadela cingida por uma robusta cerca, ameada e torreada, com dez torres, dois cubelos e seis portas, com um castelo no ângulo sudoeste, edificado nos meados do século XV pelo poderoso D. Leonel

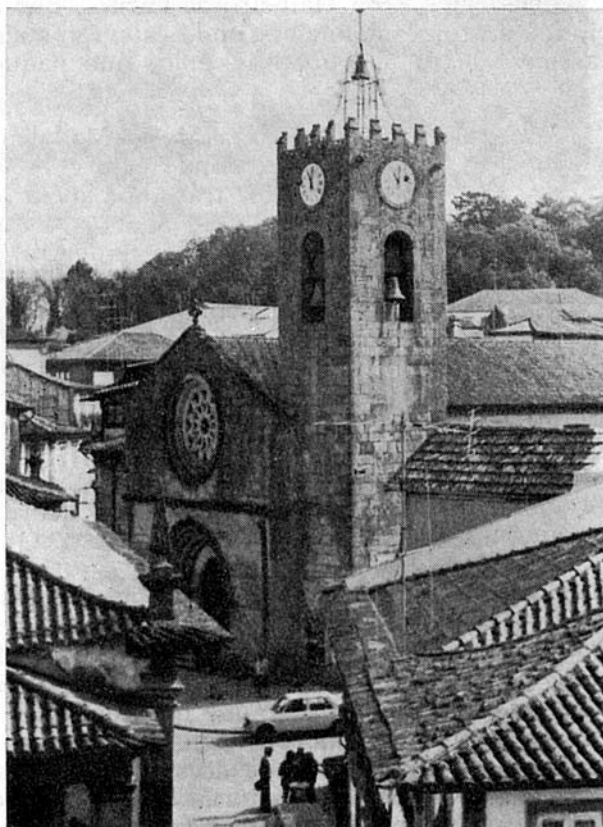
de Lima, 1.º Visconde de Vila Nova de Cerveira. Da velha fortaleza apenas restam alguns tramos da muralha e duas torres, a de S. PAULO e a da CADEIA (monumentos nacionais).»

«A antiga via militar de Braga a Tui passava por Ponte de Lima, sendo que na própria ponte que liga as duas margens do Lima ainda subsistem cinco arcos de estrutura nitidamente romana. Por aí transitavam as centúrias que mantinham a chamada «paz de Augusto». E na

---

Ruas estreitas, telhados antigos, autenticidade local. A Matriz de Ponte de Lima, fotografada a partir da Torre da Cadeia Velha onde se encontra instalado o Arquivo Histórico.

---



fase da luta pela alforria portugalense, as hostes galegas e leonesas serviam-se uma vez por outra desta mesma via. Daí de certo a decisão tomada pela Rainha D. Teresa, em 1125, de fazer ali uma VILA sua, para «estorvar» o passo do Lima».

Do lado direito do rio proliferam os solares e as honras da grande nobreza da Ribeira Lima: Refoios, Arcozelo, Calheiros, Brandara. — Na margem esquerda predominariam os reguengos e os coutos: Correlhã,



Feitosa, Arca, Paradelas. No reinado de D. Pedro I, a vila recebeu novo foral e foi então amplamente protegida e fortificada. Data de então a reconstrução da ponte (1360). Após o interregno, D. João I, acompanhado do Condestável, viu-se obrigado a obter pelas armas a vila. Em 1464, D. Afonso V converteu Ponte de Lima em senhorio hereditário de D. Leonel de Lima. Foi este o construtor do castelo».

«A Ponte (monumento nacional), que liga à vila o bairro de Além-da-Ponte, é das mais interessantes do Minho, de origem romana, e da qual ainda subsiste um lanço na margem direita e cinco arcos. É do tempo do Imperador Augusto, e conta 24 arcos, dos quais 16 em ogiva.

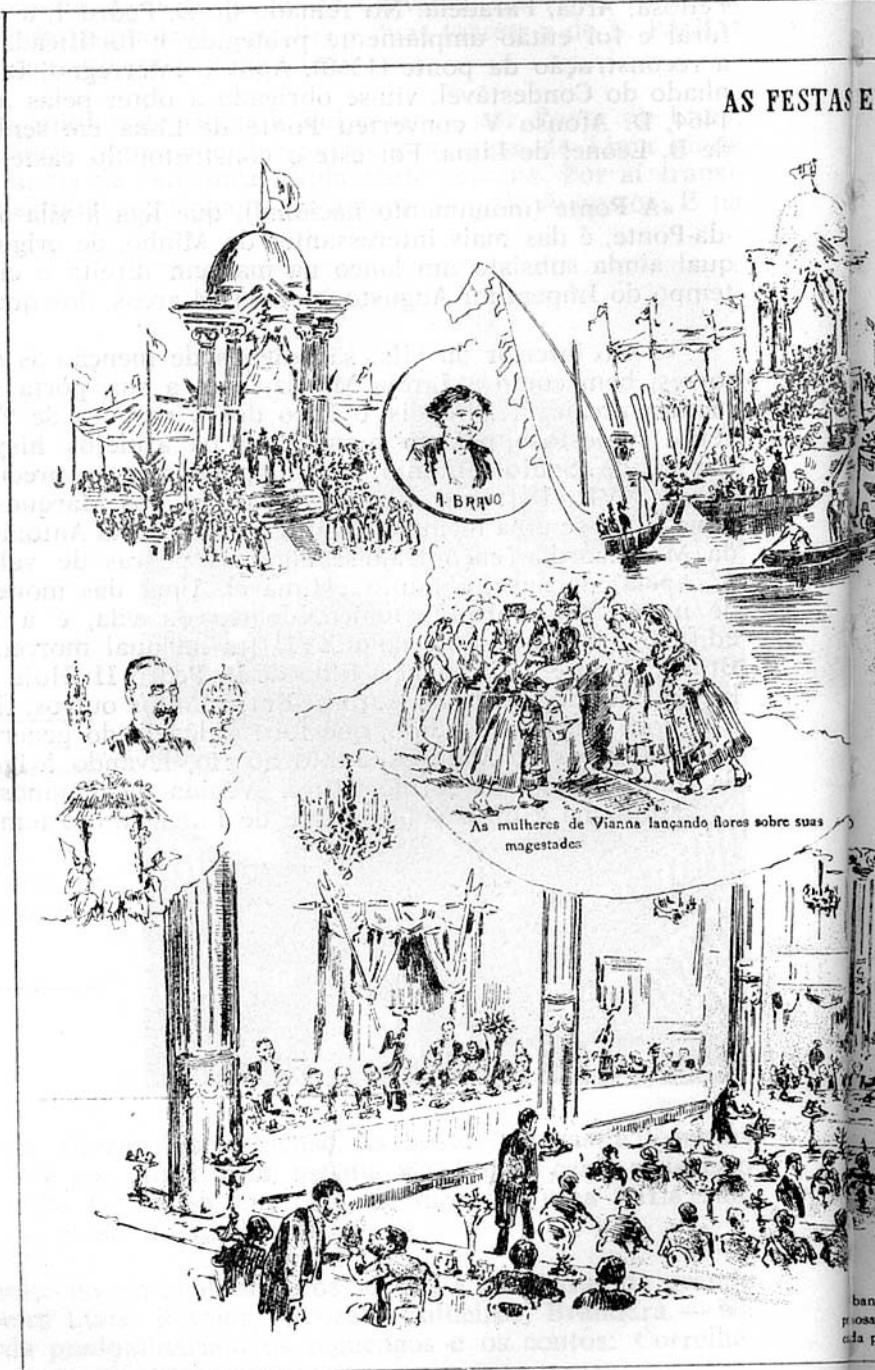
«...No interior da vila, são dignas de menção as duas já referidas torres, bem como a Igreja Matriz, com a sua porta ogival de arquitectura arcaizante. Depois, o Paço dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, majestoso palácio manuelino; os azulejos hispanico-árabes da Capela de Santo António, dos Capuchos, e o precioso chafariz do século XVII. Defronte do antigo Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima, situa-se uma memória consagrada ao Poeta António Feijó. No pátio da Misericórdia, encontram-se algumas pedras de valor arqueológico. A capela, da nave, é muito estimável. Uma das moradias brasonadas de maior valor arquitectónico, dentro da vila, é a CASA AURORA, edifício brasonado do século XVIII, e na qual morreu o arcebispo de Braga, D. José de Bragança, filho de D. Pedro II. Hoje pertence à família do falecido Conde de Aurora. Entre tantos outros, fica em Brandara o famoso Paço de Cardido, que foi residência do general liberal Sebastião Calheiros de Meneses. Junto ao rio, levando à igreja da Senhora da Guia, existe uma formosíssima avenida de plátanos.»

Muito há a dizer sobre Ponte de Lima. Muito temos a dizer!



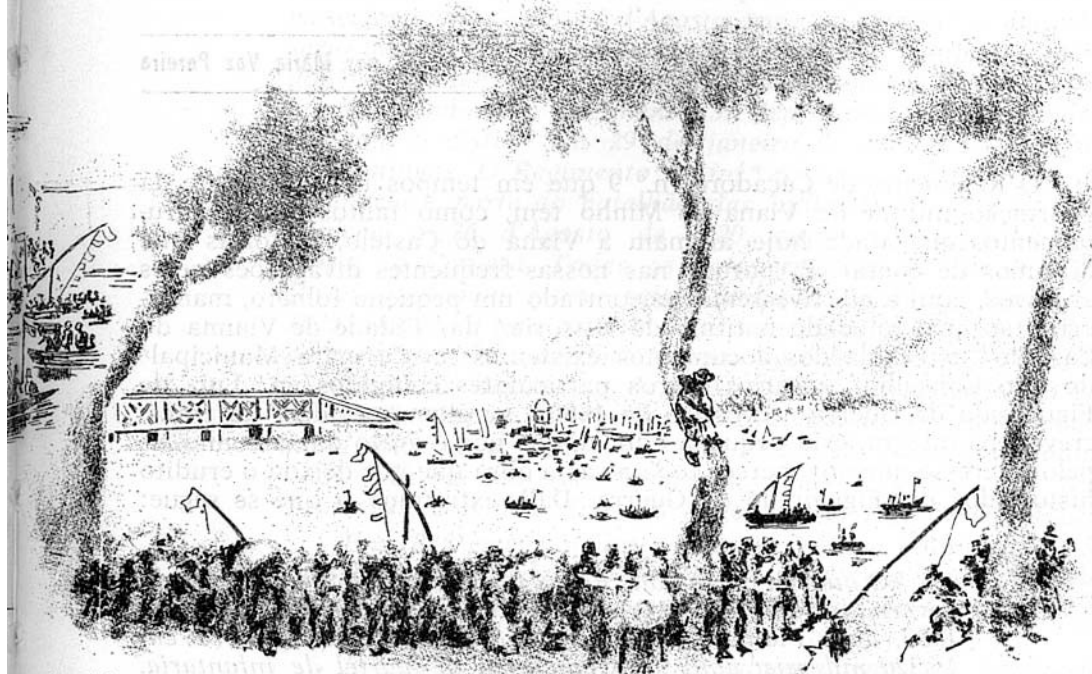
Nem sempre um acontecimento provinciano teve a honra de ser alvo dos célebres «flash» do lápis de Rafael Bordalo Pinheiro. — Pois a inauguração da obra da doca desta cidade, em 1887, referida no artigo sobre o general João Tomás da Costa do anterior volume dos «Cadernos Vianenses», vem focada por aquele artista no n.º 129 da sua publicação «Pontos nos ii» de 31 de Outubro desse ano. Nas duas páginas centrais e ainda na imediata! Com os pormenores do palanque armado para acolher Suas Magestades, do banquete que lhes foi oferecido, etc. E também com os «retratos» do dito general, do «decorador» Henrique Bravo, e mesmo das «autoridades» locais, ao tempo, cumprimentadas pelo próprio caricaturista. Foi-nos remetido esse precioso exemplar de Pontos nos ii» por um neto, ainda, de João Tomás, — Cândido Xavier da Costa, de Lisboa.

## AS FESTAS E

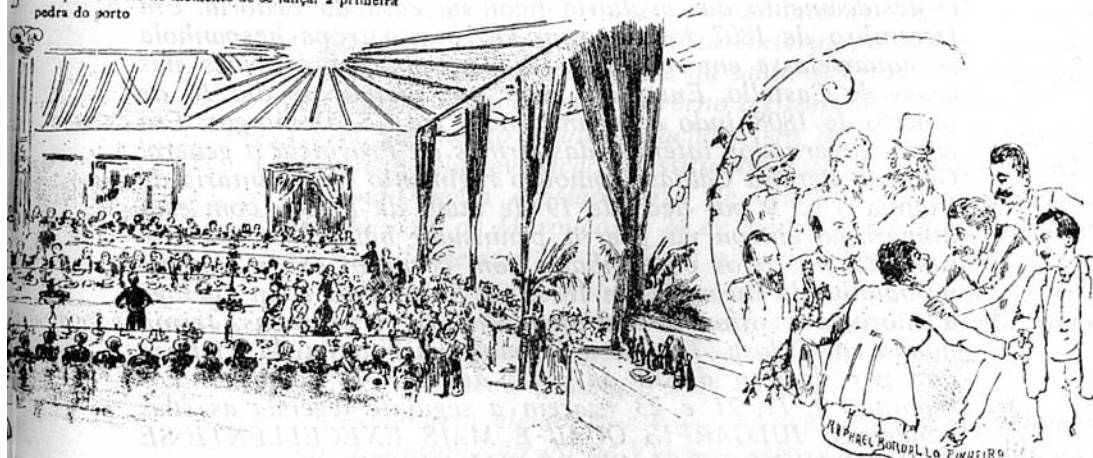




## EM VIANNA



Aspecto do rio no momento de se lançar a primeira pedra do porto



O banquete. O serviço magnífico e, sobretudo, uma casa ornamentação de efeito surpreendente, executada por Henrique Bravo

Os nossos mais cordiais agradecimentos aos membros da camara municipal, e a muitos dos munícipes, pela affabilidade com que nos receberam. E um beijo a este illustre camarista.